

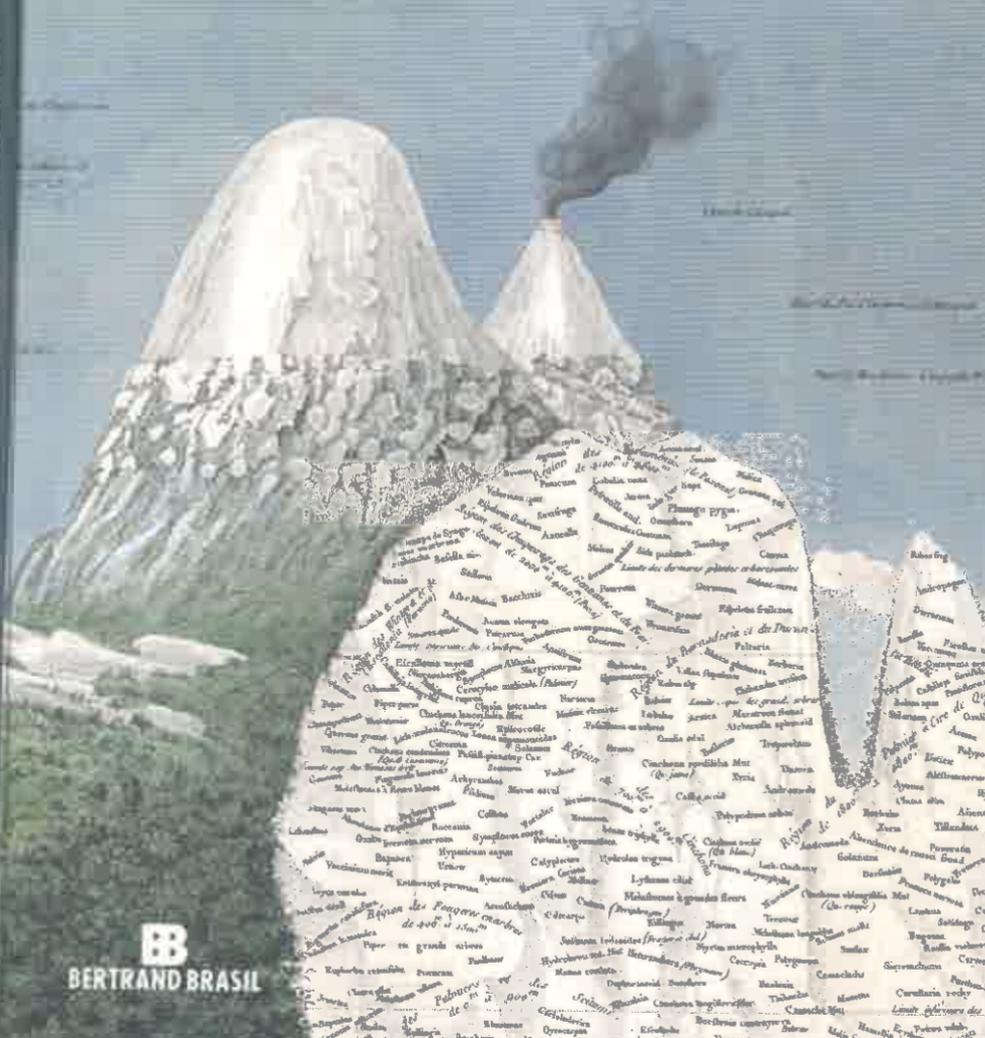
PAULO CESAR DA COSTA GOMES

QUADROS GEOGRAFICOS A PIRQUET

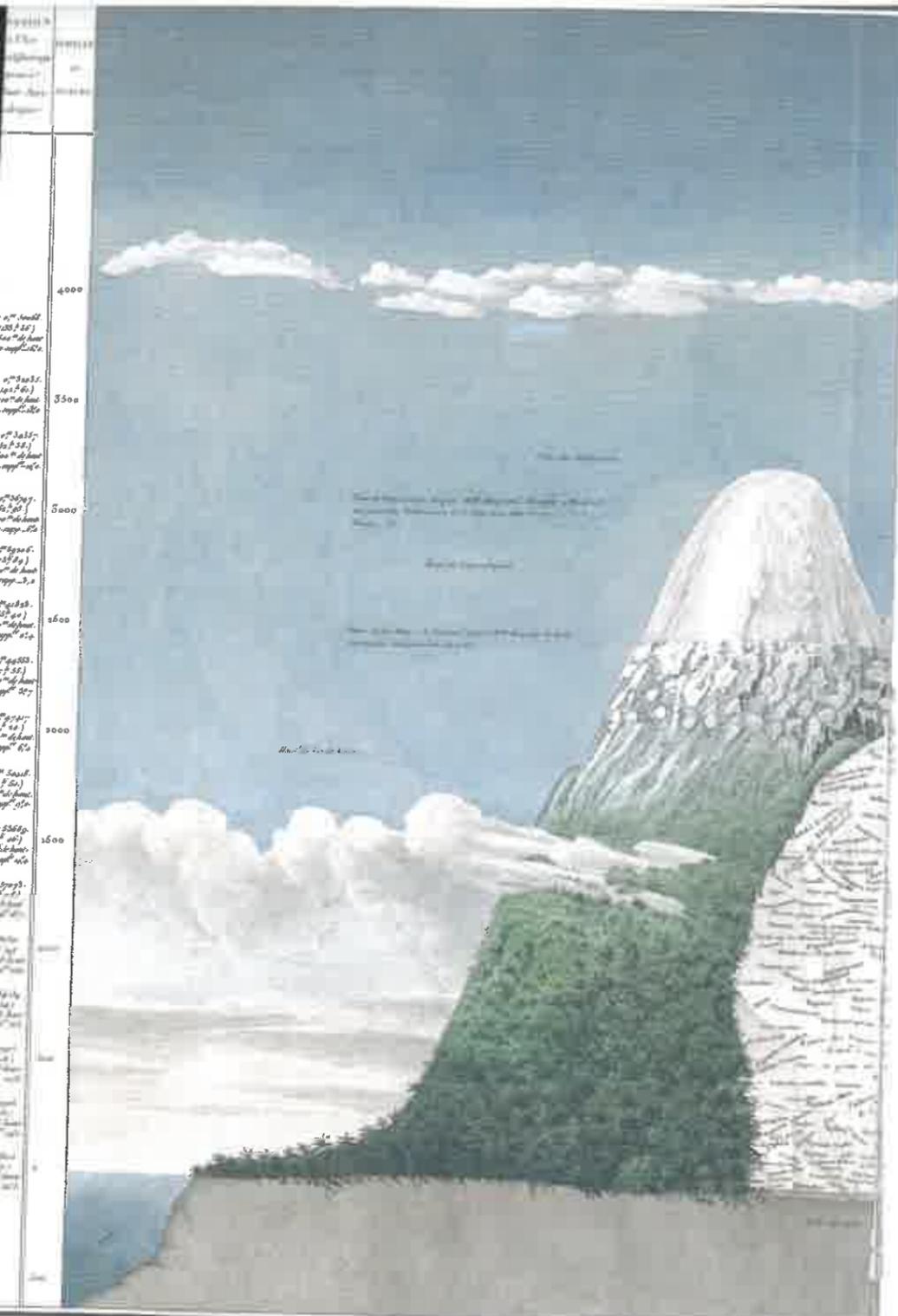
Paulo Cesar da Costa Gomes

# Quadros GEOGRAFICOS

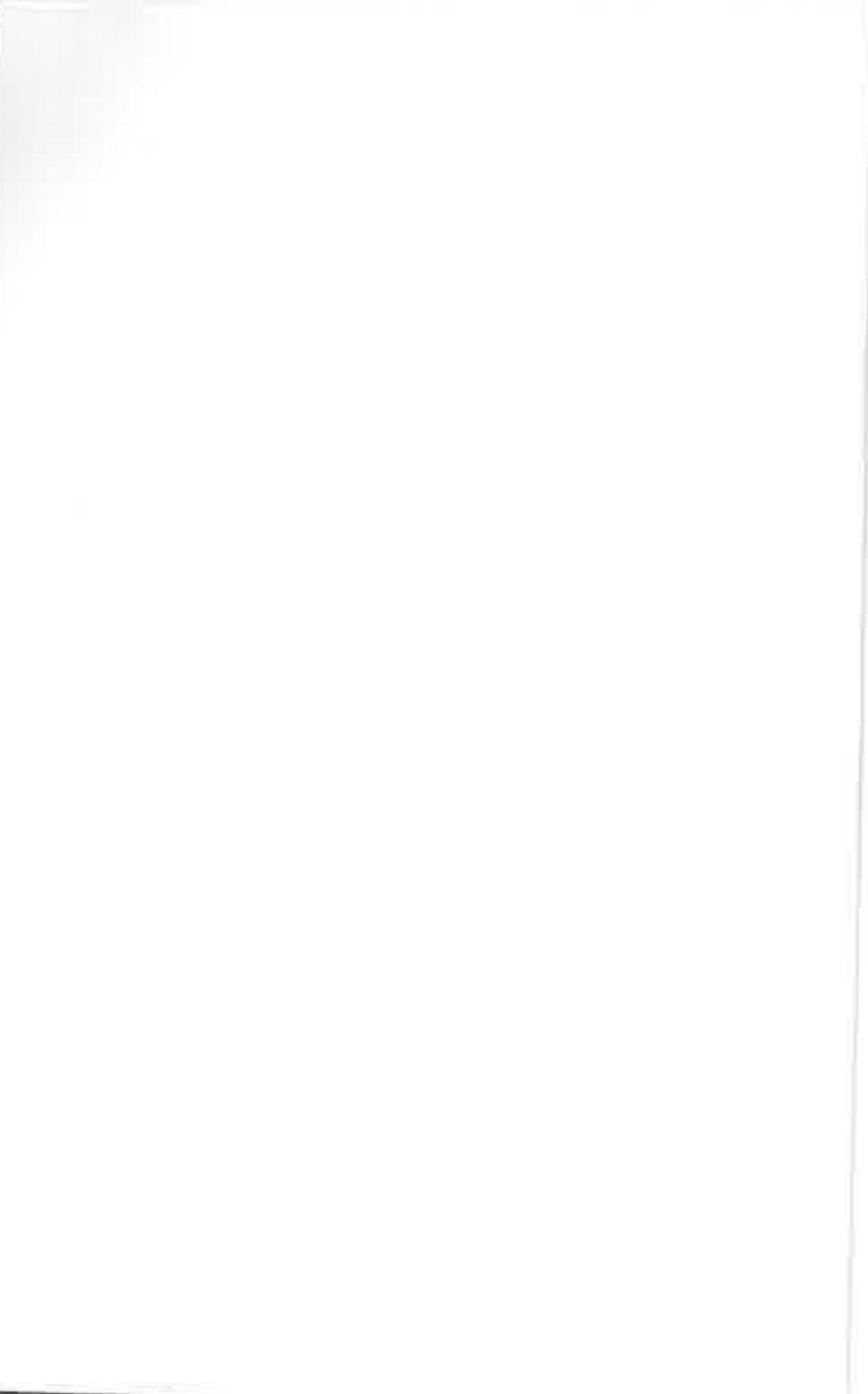
UMA FORMA DE VER, UMA FORMA DE PENSAR



**BB**  
**BERTRAND BRASIL**



# ÉOGRAPHIE DES PLA



Paulo Cesar da Costa Gomes

# Quadros **GEOGRÁFICOS**

Uma forma de ver, uma forma de pensar

1ª edição

**B**  
**BERTRAND BRASIL**  
Rio de Janeiro | 2017

Copyright ©Paulo Cesar da Costa Gomes, 2017

Capa: Sérgio Campante

Ilustração de capa e guarda: Geografia das plantas equinociais: quadro físico dos Andes e países vizinhos elaborado segundo observações e medidas tomadas sobre os lugares a partir do 10º grau de latitude boreal até o 10º de latitude austral em 1799, 1800, 1801, 1802 e 1803. Por Alexandre von Humboldt e Aimé Bonpland. Reproduzido por permissão da Biblioteca Nacional da França (*Bibliothèque nationale de France*)

Texto revisado segundo o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2017

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G616q Gomes, Paulo Cesar da Costa  
Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar /  
Paulo Cesar da Costa Gomes. - 1ª ed. - Rio de Janeiro:  
Bertrand Brasil, 2017.

Inclui bibliografia  
ISBN: 978-85-286-2245-4

1. Geografia humana. I. Título.

17-44312

CDD: 304.2

CDU: 911.3

Todos os direitos reservados pela:  
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.  
Rua Argentina, 171 - 2º andar - São Cristóvão  
20921-380 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: (21) 2585-2000 - Fax: (21) 2585-2084

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por  
quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

## Sumário

<i>Nota do autor</i>	7
<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução: Geografias e Mundos</i>	13
Lendo Kant	23
Culturas visuais diversas: descrições e narrativas	29
<i>A Naturgemälde</i> é um quadro; mapas são quadros.	35
Os quadros geográficos na obra de Humboldt	45
As cosmovisões	61
A Geografia apresenta o mundo	67
<i>Imago Mundi</i> nas cosmografias renascentistas	81
Outros quadros geográficos	93
Outros mundos	99
Descrevendo quadros com Vidal de la Blache	107
Modos e instrumentos da descrição	121
Imagem, imaginários: quadros para a imaginação geográfica	131
<i>Conclusão: A Geografia é uma forma de pensar!</i>	143
<i>Bibliografia</i>	147



## Nota do autor

Este livro levou quase duas décadas sendo pensado, mas foi escrito rapidamente. As ideias já existiam, tinham sido exploradas em diferentes ocasiões com diversos públicos. Entre os mais frequentes interlocutores ao longo desses muitos anos de reflexão estão dois especiais colaboradores: Vincent Berdoulay e Leticia Parente Ribeiro. Eles gentilmente leram os originais, fizeram observações e trouxeram algumas importantes retificações. Evidentemente, como é de praxe deixar claro, a responsabilidade sobre as opiniões e análises contidas neste texto é toda minha. Tenho, entretanto, o imenso prazer de contar com os comentários deles, no prefácio e nas orelhas, para a edição do livro.

O desejo inicial era escrever um artigo, porém, o acúmulo de questões a discutir demonstrou logo que o tamanho de um artigo seria inapropriado. Então por que não escrever um livro? Algo pequeno, denso e consistente, sem muitas notas, sem discussões paralelas. Ao contrário de outros autores, tenho sentido que, quanto mais o tempo avança, mais econômico nas palavras quero ser. Embora a intenção tenha sido preservada, o resultado não foi exatamente o que havia sido previsto. Percebi que algumas frases, muito concisas, ficariam quase incompreensíveis e fui obrigado a estendê-las. Não poderia tampouco omitir as fontes das quais retirei o material, daí as numerosas notas de rodapé. Nem poderia

sempre me furtar a alongar um pouco a discussão sobre temas que, sem serem centrais, apareciam com importância, fazendo surgir mais texto e mais notas. Até a última leitura e revisão, tive de resistir fortemente ao desejo de acrescentar inúmeras informações e comentários, o que, sem dúvida, enriqueceria o texto, mas não acrescentaria novos desenvolvimentos e, por isso, foram, com algum pesar, descartados.

A convicção de que a Geografia é uma disciplina consistente, relevante e de resultados surpreendentes só vem aumentando ao longo dos anos em que a venho praticando. Pode ser que hoje eu sinta cada vez menos a necessidade de me justificar sobre isso. Este livro é, talvez, a prova de ter chegado ao ápice dessa convicção. A Geografia é uma forma de pensar, e disso estou serenamente consciente.

## Prefácio

Aqui está um belo trabalho, de formato conciso, mas de longo alcance. Ele irá encantar todos aqueles que, de alguma forma, direta ou indiretamente, se interessam pela questão geográfica por excelência: por que um determinado fenômeno está localizado ali? O autor, Paulo Cesar da Costa Gomes, usando uma linguagem simples e acessível, nos conduz a uma viagem intelectual fascinante na qual se cruzam pensadores, cientistas, filósofos e artistas de diferentes línguas e períodos históricos, desde a Antiguidade até os dias de hoje. É um ensaio brilhante sobre os *Quadros geográficos*, mas, na verdade, mostra a originalidade e o interesse do olhar e do pensamento geográfico, tanto para o geógrafo quanto para o não especialista, tenha ele um espírito científico ou filosófico.

O professor de Geografia Paulo Cesar da Costa Gomes já é bastante conhecido por sua envergadura intelectual internacional e pela grande originalidade de sua pesquisa em temas como a modernidade, a história das ideias ou o espaço público urbano. Nós o reencontramos em plena maturidade nesta obra profunda que se edifica, resumindo parcialmente sua grande experiência adquirida até agora. É reconfortante constatar que esta experiência não está a serviço de conclusões normativas. Pelo contrário, a vasta cultura mobilizada por ele serve para

renovar nossas concepções e ampliar perspectivas para além dos caminhos conhecidos, convida-nos a aproveitar ao máximo as potencialidades do olhar geográfico.

O que o autor demonstra é que a Geografia — no sentido mais amplo — é uma forma de pensamento e se fundamenta em uma maneira de ver. Evidentemente, essa forma de pensar não é prerrogativa única da Geografia como disciplina acadêmica, mas cabe ao especialista em geografia, no entanto, explorar esse veio, reconhecendo o lugar central dele em seu questionamento e em sua abordagem. Assim, de acordo com o autor, a Geografia pode melhor contribuir no desenvolvimento do conhecimento.

Ele já havia sido um pioneiro em seu campo quando chamou a atenção para a importância das imagens e do visual nos problemas geográficos. Na sistematização de seu pensamento oferecido neste livro, rico em discussões de grandes autores e grandes questões filosóficas e científicas, que me seja permitido enfatizar, especialmente, as reflexões notáveis e bastantes inovadoras sobre os estoicos, sobre Kant e sobre Alexander von Humboldt. A originalidade, a semelhança ou mesmo o parentesco entre esses pensadores são abundantemente demonstrados. Não poderemos mais tratar deles na história das ideias sem levar em conta as considerações tratadas neste livro. Da mesma forma, Paulo Cesar da Costa Gomes ultrapassa as clássicas oposições apresentadas na história do pensamento geográfico, como entre a abordagem quantitativa e qualitativa ou entre a geografia física e a humana. Essas oposições frequentemente remontadas desde Erastóstenes e Possidônios aqui estão, na verdade, reconciliadas pela partilha de uma mesma maneira de olhar e de construir questões. Muitos outros estereótipos que se observam nas histórias muito pouco eruditas da geografia acadêmica também são desafiados por este trabalho.

Ao ancorar sua reflexão na história das ideias e no desenvolvimento científico recente, tirando partido do olhar e do método oferecido pela noção de quadro, o autor traça um caminho epistemológico que lhe permite não submeter a Geografia à subserviência de um modelo, seja ele positivista ou fenomenológico. Assim, a importância dada pelo autor para os sistemas de localização de pessoas, objetos ou fenômenos como questão central na Geografia, não o leva ao “espacialismo” que teve seu auge nos chamados anos da revolução quantitativa de 1950-1960. Da mesma forma, indo da imagem ao texto e vice-versa, o autor mostra como a descrição geográfica merece ser revalorizada. Como o autor escreve, precisamos mais de uma apresentação do mundo do que de sua representação.

Fundamentalmente este livro é um belo convite para redescobrir o que faz a força — e a perenidade — da investigação geográfica, e isso não apenas para o geógrafo. Sem deixar à margem as explicações do nosso mundo contemporâneo e as perguntas sobre seu futuro, ele nos encoraja a buscar outras chaves para seu entendimento. Ao praticar um olhar diferente, essencialmente geográfico, sobre o mundo, torna-se possível pensá-lo de outra forma.

Vincent Berdoulay  
Presidente honorário da  
Comissão de História da Geografia  
União Geográfica Internacional-UGI



## Introdução: Geografias e Mundos

*“Quantos da Terra e do Céu nasceram, filhos os mais temíveis, detestava-os o pai dès o começo: tão logo cada um deles nascia a todos ocultava, à luz não os permitindo, na cova da Terra. Alegrava-se na maligna obra o Céu. Por dentro gemia a Terra prodigiosa atulhada, e urdiu dolosa e maligna arte.” Hesíodo (≈750 a. C), Teogonia.*

O que é a Geografia? É uma forma de pensar. É disso que aqui se trata. Este texto é uma ousada tentativa de demonstração de que, para além daquelas acepções que costumeiramente temos da Geografia, ela é também uma maneira, original e potente, de organizar o pensamento. Essa tentativa de demonstração é, sem dúvida, temerária — temerária pela amplitude que abarca, temerária pela pretensão que encerra, temerária ainda pela extensão relativamente pequena que propusemos para construir a argumentação necessária à sustentação dessa afirmativa. Para diminuirmos os riscos, diremos que não se trata propriamente de uma afirmação, mas de uma hipótese. Ainda assim, a tarefa se anuncia árdua. É preciso contar com a indulgência do leitor para os largos passos e as omissões que são forçosas nesse tipo de exercício argumentativo. É preciso contar também com sua erudição para preencher as eventuais lacunas deixadas nos assuntos que, sem serem secundários, não são exatamente centrais e

não foram, por isso, suficientemente desenvolvidos. No entanto, contamos, sobretudo, com a curiosidade e o espírito aberto do leitor para se deixar conduzir por esse percurso, mesmo que isso necessariamente não o leve, ao final, a se convencer. Instaurar a dúvida e o debate, recompor explicações e revisitar procedimentos significa sempre um avanço na atividade científica, mesmo quando isso não se mostra suficiente para demover completamente as posições já estabelecidas.

O que é a Geografia? A pergunta de aparência tão simples se dirige ao que de mais importante existe em um campo do conhecimento, sua especificidade, sua identidade. A partir disso, todo o edifício cognitivo desse campo, suas propriedades, sua relevância, suas competências, sua finalidade e, sobretudo, seus sistemas explicativos podem ser discutidos. Atrás da aparente simplicidade da formulação da pergunta ergue-se um mundo de questões. Trata-se pois de um convite a uma discussão propriamente epistemológica, pois incide diretamente sobre as condições de produção do conhecimento, sua consistência lógica, seus sistemas de validade.

O que é a Geografia?<sup>1</sup> A essa pergunta tão comum muitas vezes sucede também uma habitual resposta. Com insistência se diz que a Geografia, como aliás o próprio nome indica, é a ciência que estuda o espaço terrestre. A composição da palavra, formada a partir da justaposição de *geo*, terra, e *grafos*, escrita

---

<sup>1</sup> Em 1887, Harold Mackinder (1861-1947) proferiu uma palestra na Real Sociedade de Geografia britânica partindo dessa pergunta. A resposta sublinhava o desafio de criar um ramo de conhecimento que não seria mais dependente dos relatos de aventuras por terras desconhecidas, uma vez que elas não mais existiam àquela época. A Geografia seria a ciência que apresentaria a organização do mundo como o resultado de uma interação entre a sociedade e a "geografia física". A cartografia era para ele um elemento fundamental nessa tarefa. (Mackinder, 1887, p. 142.)

ou descrição, responderia assim perfeitamente à questão.<sup>2</sup> Esse recurso à etimologia é um dos mais corriqueiros expedientes de apresentação geral da Geografia, sobretudo para um público escolar ou quando dirigido a uma audiência menos familiarizada com a disciplina. Está resolvido o problema? Não. Nem sempre a etimologia ou a constituição da palavra é capaz de informar completamente a respeito de seus usos e significados. Muitas palavras viveram transformações nos seus sentidos originais e, algumas vezes, no emprego corrente nada, ou pouca coisa, guardam dos seus significados etimológicos de origem.

Não precisaríamos recorrer ao texto sobre as palavras e as coisas de Foucault (1926-1984) para dizer que os significados das palavras variam segundo um percurso historicamente muito diverso (Foucault, 1966). A cada época e em cada lugar configura-se um terreno de sentidos associados, no qual uma coisa, um conceito, uma atitude encontram diferentes significações, embora, quando de longe olhamos para o conjunto da história, possam parecer unificadas, pois se trata da mesma palavra. A pretendida similaridade das significações é assim avocada pelo simples fato de se tratar de uma mesma denominação, sem qualquer outra consideração sobre os contextos que alteram os sentidos veiculados.

Não se deve, todavia, concluir de forma apressada que qualquer apelo à etimologia como forma de explicação estaria fadado ao equívoco da extemporaneidade. Há, na origem de uma palavra, uma ideia que, no momento em que foi concebida, trouxe uma

---

<sup>2</sup> A palavra grega *graphein* tem múltiplos sentidos: marcar, desenhar, registrar e inscrever. Já a palavra *mapa* tem origem no latim *mappa* que significa toalha de mesa ou guardanapo e como *carta*, utilizada em vários idiomas, indica uma superfície onde se procede a uma inscrição. Finalmente, se recuarmos à palavra grega que denominava um mapa encontraremos *pinax*, que é uma placa de metal, madeira ou pedra onde se gravava palavras ou imagens. (Brotton, 2014, p. 11.)

nova concepção ou, pelo menos, designou com clareza algo que antes assim não havia sido feito. Discutir o “terreno” onde essa palavra se formou significa, pois, estabelecer a rede de associações que naquele momento ela mantinha com outras ideias. Acompanhar o desenvolvimento e o uso que ela posteriormente teve nos faz compreender algumas das mudanças dessas ideias em outros tempos, contextos e situações.

Esse é o caso da palavra Geografia. O que ela designa hoje? Que relações existem entre o movimento de ideias que a conceberam e a evolução que teve? Em que medida houve um afastamento e que rastreamento é possível estabelecer nos diferentes usos e compreensões que essa denominação recobriu? Evidentemente, não há nem de longe a pretensão de descrever aqui a longuíssima e complexa trajetória de todos os sentidos que a palavra *geografia* possa ter incorporado ao longo da história. Essa tarefa é por demais ampla e exigiria um esforço, sem dúvida, muito maior do que aquele que cabe nas ambições esboçadas no presente trabalho. Além disso, a natureza desse esforço também seria diferente, pois diria respeito muito mais à pura erudição do que propriamente a um exercício de reflexão como o que está sendo procurado aqui. Por tudo isso, é preferível, modestamente, afirmar com clareza que o exercício proposto tentará apenas reconhecer, ainda que de forma exploratória, algumas continuidades e novidades nas formas que empregamos esta ideia — Geografia.

Como é possível notar, não se busca, a exemplo da reconhecida conduta de R. Hartshorne (1899-1992), uma “natureza” fundamental e própria, que apareceria pelo exame minucioso da evolução das diferentes concepções de Geografia e suas práticas (Hartshorne, 1939). Nessa perspectiva, a verdadeira Geografia apareceria evidente naqueles aspectos que sempre a acompanharam. O exaustivo exame da trajetória na história das ideias

geográficas seria assim o caminho para o reconhecimento daquilo que se apresenta como o fundamento desse tipo de conhecimento. Definitivamente, não é o caso aqui. Não se busca tampouco procurar, como nas abordagens de cunho fenomenológico, sobretudo aquelas inspiradas em Husserl (1859-1938), uma essência que não é um conceito genérico obtido pela indução, comum a uma pluralidade de fatos, mas algo anterior à experiência e imanente aos objetos ou fenômenos (Husserl, 1970).

Diferentemente dessas abordagens, guiam-nos na discussão da identidade da Geografia as possibilidades de apreender o sentido desse campo, que o discutem e o renovam. A maneira pela qual uma compreensão diversa se enxerta é o melhor indício de que há um contínuo jogo de transformações e de permanências que a cada momento se reestrutura. As maneiras de identificar, de pensar e de fazer aquilo que chamamos de Geografia são, por isso, o material básico dessa reflexão.

Começamos, portanto, identificando três domínios ou três formas que hoje correspondem ao que compreendemos como "geográfico", ou seja, a qualidade de ser da Geografia. Pode-se dizer que o primeiro desses domínios é uma forma de sensibilidade, uma espécie de impressão causada pela dimensão espacial. Trata-se de uma capacidade de situar coisas no espaço e de nos situarmos nele, ou seja, de dirigirmos os movimentos do corpo no espaço. Corresponde, sobretudo, também à capacidade de saber se orientar, de constituir traçados entre coisas diversas que estão dispersas no espaço. O ser humano, antes mesmo de começar a refletir, é capaz de estender o braço para alcançar alguma coisa, de se deslocar na direção de algo. Por isso, podemos nos juntar a Kant (1724-1804) e dizer que a existência da dimensão espacial é anterior à percepção. Podemos perceber algo, pois esse algo está apartado de nós, mas dividimos com ele um mesmo plano de

existência; nesse caso, um mesmo espaço. Igual propósito pode ser afirmado em relação ao tempo e, por isso, essas duas categorias, espaço e tempo, são na *Estética Transcendental* kantiana categorias *a priori* do conhecimento. Essa sensibilidade espacial é simples de perceber nos outros animais a quem, em geral, não atribuímos nenhuma capacidade de reflexão, e essa “sensibilidade” é concebida, sem muitos problemas, como um atributo atávico. Animais sabem se orientar, deslocam-se em busca de água, de alimentos ou de melhores condições climáticas sazonais. Nesses deslocamentos, estabelecem rotas, conhecem direções, instituem destinos com precisão. Os exemplos são inúmeros, grandes mamíferos, pássaros, insetos, peixes, todos dividem essa mesma capacidade, essa mesma sensibilidade. Na espécie humana temos dificuldade de isolar o que se deve exclusivamente a essa sensibilidade, pois há um segundo domínio que se desenvolve e, em virtude de estarem tão amalgamados, não conseguimos distinguir o que seria apenas atribuível à pura sensibilidade.<sup>3</sup>

A esse segundo domínio ao qual também unimos o nome de Geografia corresponde uma forma de inteligência. Na espécie humana, o desenvolvimento da cultura faz essa inteligência espacial compor um conjunto de conhecimentos que são estabilizados e transmitidos. Como nos ensina Bosi (1936-), a ideia de cultura em suas origens significou o enraizamento dos grupos humanos à terra, o que podemos traduzir como um sistema de posições sedentarizadas (Bosi, 1992). Desde os mais primitivos e recuados grupamentos humanos, temos o desenvolvimento de comportamentos espaciais aos quais podemos atribuir o nome de Geografia. Esses grupos estabelecem qualificações, classificações dos espaços, roteiros, delimitações e, sobretudo, localizações.

---

<sup>3</sup> Uma boa discussão sobre esse tema pode ser encontrada em Ellar (2009).

A denominação assim conferida como *geografia* traduz o conhecimento que esses grupos humanos detêm do ambiente onde vivem. Tal conhecimento é fundado pelas respostas simples à pergunta construída a partir do advérbio interrogativo *onde*. A justo título dizemos, pois, a Geografia dos Ianomâmis, a dos Maoris, dos Massais, dos Inuits etc., e a expressão *geografia* assim se refere nesse caso ao conjunto articulado de conhecimentos e comportamentos espaciais que são vividos e dão forma a esses grupos sociais. Alguns geógrafos denominam essas geografias como vernaculares (Claval, 2001).<sup>4</sup>

O terceiro domínio para o qual usamos essa designação de Geografia é o ramo do conhecimento que, desde um passado remoto, se consagra ao estudo e à especulação sobre as causas e formas de entendimento da dispersão. Dito de outra forma, essa Geografia é o campo ou área de interesse que reúne inúmeras tradições, todas preocupadas em responder à questão do porquê da lógica das localizações, seja ela ordenada pelos elementos naturais ou pelos humanos. No mundo moderno, esse ramo do conhecimento se estabilizou sob a denominação de Geografia e corresponde ao que concebemos como a ciência geográfica. Ao se institucionalizar, houve a regularização dos protocolos de pesquisa, dos temas mais correntes, dos procedimentos mais aceitos, entre outras características que moldam e dão unidade à área do conhecimento. A despeito de muitas discussões acerca da melhor definição dessa Geografia, é possível certo consenso

---

<sup>4</sup> Um dos exemplos trazidos diz respeito ao estudo da orientação espacial dos Inuitnait, no extremo norte do Canadá (Collignon, 1996). A maneira como essa população encontra sinais e marcas na paisagem, aparentemente uniforme, igualmente branca e, por vezes, envolta em nevoeiros e borrascas, pode nos indicar justamente a ambígua fronteira de uma Geografia situada entre uma forma de intuição e uma forma de inteligência.

entre os geógrafos quando dizemos que nossa curiosidade se dirige para produzir explicações sobre os sistemas de lugares. As maiores dúvidas são de natureza teórico-metodológica, ou seja, discute-se muito mais sobre os caminhos necessários para obter bons resultados em vez de propriamente sobre o que nos reúne em torno dessa denominação, o interesse comum sobre a dimensão espacial dos fenômenos. Em outras palavras, diríamos que a Geografia é o campo de estudos que interpreta as razões pelas quais coisas diversas estão situadas em posições diferentes ou por que as situações espaciais diversas podem explicar qualidades diferentes de objetos, coisas, pessoas e fenômenos. Trata-se de uma forma de construir questões, ou seja, a curiosidade de saber em que medida o sistema de localização pode ser um elemento explicativo. Evidentemente, a discussão metodológica não deixa de incidir sobre a delimitação e os temas que devem ser abordados e, nesse sentido, age também sobre a leitura que fazemos da essência dessa ciência geográfica em diferentes momentos e orientações.

Essas três acepções atribuídas à palavra *geografia*, embora muito raramente sejam apresentadas como relacionadas, são praticadas comumente na linguagem cotidiana. Cada uma delas corresponde a um mundo particular, com seu domínio autônomo, suas próprias práticas e significações. Cada um desses mundos possui sua particular ordem.<sup>5</sup> Aqui, como tentamos mostrar, essas

---

<sup>5</sup> A palavra *ordem* será sempre empregada no sentido filosófico, ou seja, brevemente, como um sistema operado por uma lógica ou uma coerência. É preciso ter em mente que o próprio conceito em filosofia pode se associar a um finalismo, como na Antiguidade; à necessidade, como predominante na ciência moderna; e, finalmente, à contingência, como na ciência contemporânea. De qualquer maneira, a ideia de "Cosmos" e de "Mundo" só tem sentido se pensamos essas categorias como sistemas ordenados. A compreensão comum da palavra como qualidade de apresentar boa organização, equilíbrio ou estabilidade permanente e positiva deve ser aqui evitada, pois não corresponde aos nossos propósitos.

Geografias e esses mundos compartilham um núcleo comum e orbitam o mesmo interesse na localização de coisas, fenômenos e pessoas e, por isso, há sentido para que guardem essa mesma denominação de Geografia. É verdade, entretanto, que há muitas tensões na aceitação de formarem um conjunto, e muitos autores procuram exegeses pelas quais uma delas teria prioridade ou mais qualidades que as outras. Não é o momento para estender esse debate, pois, na forma como orientamos a presente argumentação, essas três acepções constituem o preâmbulo para a formulação de uma quarta possibilidade a orbitar o mesmo interesse: a de que a Geografia é também uma forma autônoma de estruturar o pensamento, uma forma original de pensar. Essa é a hipótese.